

MULHERES

Cultura, Artesanato e Cooperativismo na preservação do Cerrado





“Lá no Cerrado, elas começam assim que o Sol nasce. É bom para aproveitar o frescor da manhãzinha e o tempo, sabe?

Elas cardam algodão, aprontam a roda do fiar, vão pra's veredas buscar fibras de buritis, colocam as linhas na agulha, preparam os fios no tear, buscam cores na natureza e as panelas começam a ferver logo cedo. Que cor sairá de lá?

Elas trazem os saberes que vem de longe - das mães, avós e bisavós. E é nesse sentir da passagem do tempo que as mãos criam peças, lentamente, em cada ponto que tecem, evocam memórias de muitas histórias. Fiandeiras, tecelãs, bordadeiras, tingideiras, artesãos. As mulheres são quem trazem a força da criação!”

Caliane





Na terra que ficou imortalizada pela obra de Guimarães Rosa, a região do **Urucuia Grande Sertão**, no noroeste de Minas Gerais, 200 famílias organizadas na **“labuta coletiva”** e na **“astúcia solidária”**, pelas suas próprias palavras, produzem e comercializam castanha de baru, farinha de mandioca, mel e outros produtos seguindo as **tradições de cultivo**, aliadas às **inovações agroecológicas**. Há 10 anos, a **Copabase** vem contribuindo com o desenvolvimento da região por meio da comercialização da produção rural e artesanal sustentável, gerando renda, empoderamento, valorização dos saberes e fazeres locais e **preservando o Cerrado**. Contando com uma ampla rede de parceiros, desenvolve diversos projetos e ações, envolvendo mulheres, jovens, extrativistas e assentados da reforma agrária que acreditam na cooperação por meio da participação e ajuda mútua.

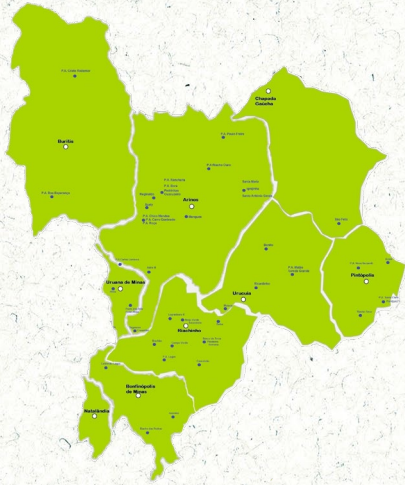
A história feminina ao redor do planeta vem marcada por lutas, tormentas e conquistas. A mulher brasileira é artesã, e transforma natureza em arte, construindo a história com realizações diárias, expressadas em peças artesanais.

O papel da mulher no desenvolvimento familiar, seja no meio urbano ou no meio rural, vai além da concepção, criação e projeção de seus filhos e família. A missão feminina vai além lutas diárias individuais, e se expande à conservação da história e o progresso coletivo.

Inúmeras ações lideradas por grupos femininos têm propósito de subsistência, tendo a transformação da realidade social como pano de fundo.

A mulher do cerrado, utilizando métodos tradicionais, como o fiar, o tingimento, a tecelagem, bordado e o crochê, promove à comunidade a conservação da cultura, resgatando a identidade local, valorizando histórias e a qualidade de vida, com novas fontes de renda.

O SERTÃO MINEIRO, AS VEREDAS E OS BURITIS



Na região do sertão mineiro, consagrada por Guimarães Rosa escritor brasileiro do século XX, as veredas ilustram a linguagem poética do autor que traduz como a “alma” da região.

O bioma predominante é o Cerrado, e recebe forte influência da Caatinga.

Nessa área de pequena densidade populacional, pouco chove, mas lá se localiza o Rio Urucuia, um dos principais afluentes do Rio São Francisco, com longas extensões de veredas, onde os

agrupamentos de buritis estão imersos em áreas pantanosas, e têm de papel fundamental no equilíbrio hidrológico dos cursos d’água no ambiente do Cerrado.

O Urucuia Grande Sertão, ou “Vão do Urucuia, está localizado no noroeste de MinasGerais, a 700 km de Belo Horizonte e a 240 km de Brasília.

Por entre as empoeiradas estradas que ligam suas localidades, atravessam seriemas, emas, raposas e diversas espécies de pássaros.

São vastas as regiões planas e é comum avistarmos chapadas e cachoeiras. Além da agricultura familiar, há criações de gado.

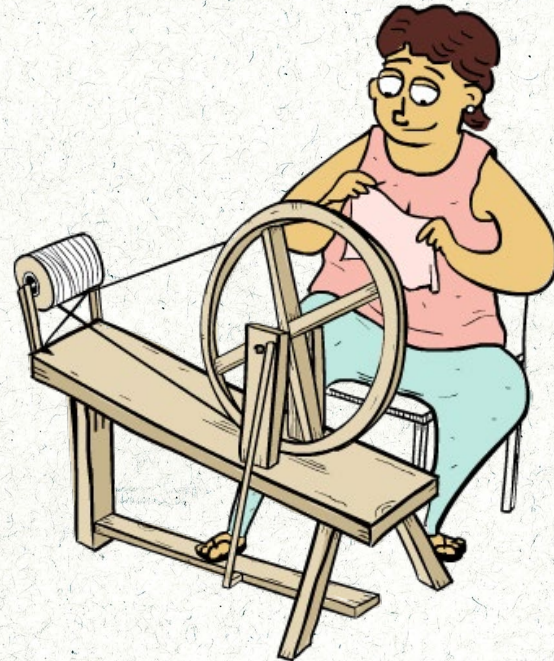
Mais de 50 anos depois do lançamento da obra "Grandê Sertão Veredas" (1956), a região sofreu algumas transformações. Ao longo do tempo, diversos programas e planos de desenvolvimento governamentais tiveram como foco a região. Ainda assim, a região, com poucas exceções, permanece com baixo índice de desenvolvimento.

A extensão do Urucuia Grande Sertão abrange 11 pequenos municípios. Na região, sua população encontrou em seus saberes e recursos tradicionais uma alternativa para geração de renda.



ARTESANATO

São centenas de artesãos na região do Urucua Grande Sertão, cerca de 180, e a grande maioria são mulheres. Elas estão organizadas em associações e detém saberes relacionados às técnicas de fiação, tecelagem, tingimento, bordado e crochê, além do entalhe na fibra do buriti.



A CENTRAL VEREDAS

Em meados de 2009, foi criada a Central Veredas, entidade que não visa lucros, mas se organiza por meio de uma rede solidária. Com atividades artesanais, une diversas associações com 9 núcleos de produção localizados nos municípios de Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Natalândia, Riachinho, Sagarana/Arinos, Serras das Araras/Chapada Gaúcha, Uruana de Minas e Uruçuia.

A Central viabiliza e organiza, especialmente, a comunicação, o transporte, o suporte e a comercialização das peças produzidas nessas associações.





Gerência de Trabalho e Mercado
Serviço Administrativo
Sistema Nacional de Cotas
Mais de 100 empreendimentos em 11 municípios
Mais de 1000 trabalhadores e trabalhadoras
Mais de 100 milhões de reais em investimentos anuais do
Fundação Banco de Brasil e parceiros
FUNDAÇÃO

URUCUIA ARTEFANATO
FUNDAÇÃO
BNDES
CENTRO VEREDAS
MINAS GERAIS
NÚCLEO DE PRODUÇÃO DE ROLINHO
Pólo de Cerrado

HISTÓRIA

Os primeiros passos da Centrall Veredas foram dados no final da década de 90, em função da atuação do Programa Artesanato Solidário – Artesol, na região do Vale do Urucuia.

Partindo de saberes ligados ao modo de vida local, o projeto buscou revitalizar e fortalecer a produção de artesanato tradicional. A partir de matérias-primas e técnicas tradicionais, as

artesãs foram orientadas e auxiliadas a tornar suas habilidades uma via real de geração de renda e melhoria da qualidade de vida.



PARCERIAS E REDES DE SABERES

Ao longo dos anos de atuação, a Central Veredas constituiu diversos tipos de parcerias e apoios institucionais e governamentais para a atuação em áreas que vão desde infraestrutura básica, como transporte de peças, divulgação e comercialização, à capacitação e sensibilização ambiental, e ao repasse de técnicas de manejo e sustentabilidade das matérias-primas utilizadas nas confecções das peças artesanais.

Entretanto, acima de tudo, o que sustenta o compartilhamento destes fazeres, articulados pela Central Veredas, é uma vivência e experiência em comum, em uma rede de sociabilidade regional que já estava estabelecida anteriormente em certo nível.

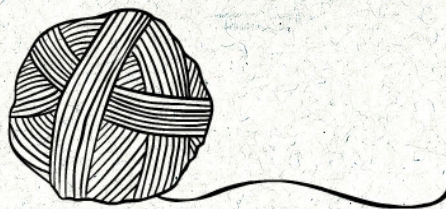


Os 180 membros, cuja maior parte deles fazem parte de uma rede relacionada a fiação, tingimento natural dos fios de algodão, tecelagem manual, bordado, crochê e entalhe na fibra de buriti, possuem conhecimentos ligados a essa rede de saberes, que vão desde técnicas de habilidade da arte de fiar à mão, passam pelo tingimento natural, pelas mãos das tecelãs e são finalizados pelas costureiras e bordadeiras.

No estreitamento de dos laços estabelecidos pelo manejo do buriti, pelo preparo e trançado das fibras, dos bilros, teares e pelo manuseio necessário a produção de diversas peças.

A prática do bordado também se faz presente, que aliado a experiência de vida dos jovens alunos e artesãs, criam desenhos expressivos e únicos.

Afinal, todos estes fazeres artesanais assentados em tradições repassadas há gerações, acabam por ajudar na recriação destas práticas, já que na alternativa de renda para a população local, gerada com a venda destes artesanatos, contribui à diminuição do êxodo rural e, por fim, para o fortalecimento da própria cultura do Urucuia Grande Sertão.



O ALGODÃO E A FIAÇÃO

O algodão utilizado na fiação e tecelagem é comprado já prensado, depois é enviado para ser cardado, logo após é distribuído às Associações de Riachinho, Sagarana, Bonfinópolis de Minas, Uruana de Minas e Natalândia.



AS FIANDEIRAS do Vale do Urucuia

As fiandeiras retiram o algodão na sua Associação, e o levam para casa. A maioria mora em zona rural, cada uma tem sua roda de fiar. Entre os afazeres domésticos, fiam, cuidam da criação e da roça.

Geralmente embaixo de alguma árvore de sombra, no quintal, com suas rodas realizam movimentos a um só tempo. Delicados, firmes e ritmados, os ágeis movimentos transformam as fibras do algodão em fios finos, médios e grossos.

Quando prontos, o mesmos fios são novelados à mão por elas.

Quando o algodão já fiado retorna à Associação, a linha é pesada e depois enviada à Central Veredas em Arinos. O próximo destino dos fios é o município de Uruana de Minas, para serem tingidos.

Exceto os fios que permanecerão na tonalidade natural, depois de tingidos, os fios retornam à Central,

são devolvidos para cada associação e, finalmente, tecidos.

O mesmo percurso faz o fio usado pelas crocheteiras. Essas viagens do algodão e dos fios entre uma localidade e outra são realizadas gratuitamente por uma empresa de ônibus local, que se sensibilizou com o projeto.



DEPERTAR DAS FIANDEIRAS

A tradição de fiar, que era atividade necessária para prover a família, ficou adormecida. Mas com o início dos projetos de artesanato tradicional na região, as mulheres que ainda detinham o saber de fiar despertaram, retornando à atividade. Passaram a adotar como alternativa de fonte de renda.

Terezinha Gonçalves de Macedo é fiandeira de Riachinho. Como a maioria de suas comadres e outras mulheres da região, aprendeu a fiar no cotidiano de sua casa, quando criança.



“De primeiro as pessoas fiavam e teciam para poder fazer até roupa de vestir, fazia camisa de algodão, até fronha, corte de calça, cobertor, lençol [...] tudo era de algodão. Minha mãe fiava, aí eu aprendi com ela. Aí eu fui começando, a gente fiava para os outros, para ganhar dinheirinho e poder comprar coisas”.

**Terezinha Macedo,
fiandeira de Riachinho (MG)**

É muito comum escutar das fiandeiras coisas como: “fiar me recorda meu tempo de menina” ou “a fiação me traz boas lembranças”. Isso nos permite pensar que, para além da ajuda de uma fonte de renda para essas mulheres, algo proporcionado a partir do incentivo ao “retorno” da prática das fiandeiras, o prazer em fiar, está, muitas vezes, associado ao saudosismo de determinado tempo e a boas recordações.

Nesse contexto, foi muito comum a realização de mutirões em que as fiandeiras locais se reuniam para fiar. A motivação para esses mutirões se relaciona aos laços de solidariedade das comunidades, já que tais mobilizações foram uma maneira de ajudar alguém que estivesse necessitando de algo.

Era muito comum que a reunião acontecesse em função da ocorrência de um casamento ou do nascimento de uma criança, por exemplo, e a precisão de se confeccionar o enxoval. Outra razão era a necessidade de preservação da matéria-prima tão fundamental, já que quando o algodão é guardado com a semente, ele é muito perecível e, em forma de fio, ele dura por anos.

A MÚSICA E OS CANTOS PARA FIAR

As fiandeiras muitas vezes improvisam seus cantos a partir de versos de conhecidas cantigas, outros são cantos de trabalhos muitos antigos na oralidade ligada a fiação, mas há ainda composições próprias. Os cantos fazem a marcação de ritmo que auxiliam o movimento de fiar, já que o sincronismo das mãos é algo fundamental para a feitura dos fios. Além disso, as fiandeiras costumam dizer que os cantos incentivam e alegam o trabalho.





O FIAR COM O PASSAR DAS GERAÇÕES

As fiandeiras representam a maioria das associadas, e formam a base de todo processo tradicional. Muitas demonstram preocupação com o fim do saber, pois grande parte das fiandeiras é idosa. Suas filhas e netas não costumam demonstrar interesse em aprender - o motivo pelo qual dizem não ter interesse? A baixa lucratividade e valorização da fiação.

A valorização e ampliação de mercado para os produtos feitos com este fio – fiado de modo artesanal, à mão, e amparado em um saber tradicional, pode incentivar o repasse como fonte de renda alternativa à população local, pois o êxodo rural é justificado pela baixa oportunidade de trabalho.

AS TINGIDEIRAS E OS PIGMENTOS NATURAIS

Em Uruana de Minas, as tingideiras transformam os novelos de fios em meadas antes de iniciar o processo de tingimento, quando os pigmentos naturais se tornarão parte integrante dos fios.

Pra começar, as meadas são deixadas de molho, lavadas com sabão neutro, torcidas e secas.

Os produtos dos quais se extrairão os pigmentos naturais são colocados de molho, em tachos de ferro ou cobre – que também interferem na coloração.

Logo após, são fervidos em fogão à lenha. O caldo resultante é coado e colocado para cozinhar, junto com as meadas.

Depois de 40 minutos, a meada é retirada do tacho e posta em água fria com sal. Depois de bem lavada, é retirado o excesso de corante natural. A meada é recolhida e posta em canos de pvc para secar à sombra.



Os variados tons de cores que os fios adquirem neste processo são oriundos somente de pigmentos naturais, extraídos de folhas ou das serragem das madeiras de árvores diversas – Mangueira, Jatobá, Moreira, Tamburil, Ipê, Baruzeiro, Barbatimão, Cajueiro, Peroba, Açoitacaval, Sambaiba, Cedro, cascas de cebola e folhas de eucalipto.



Existem outras técnicas artesanais para dar cor aos fios, como o tom ferrugem, que não é levado ao fogo, mas posta de molho com água e rapadura dentro de um latão enferrujado.

Após tingidos, os fios são novamente transformados em novelos para serem transportados e entregues as tecelãs responsáveis pela próxima etapa do processo - a tecelagem.

A tingideira Evaneide França de Almeida, que aprendeu a profissão com um curso oferecido na associação de Uruana, explica:



“As folhas, a gente pega na casa dos vizinhos, nos quintais. As serragens são doadas e as cascas de algumas árvores eu mesmo coletei na fazenda do meu pai ou de algum conhecido que autoriza a retirada, sempre de forma ecologicamente correta e sustentável. A gente fica curiosa, tentando fazer cores mais bonitas”.

**Evaneide França de Almeida,
tingideira de Uruana (MG)**

TECELAGEM E A AGILIDADE DAS ARTESÃS

Nas Associações de Riachinho, Natalândia, Sagarana e Bonfinópolis de Minas, encontra-se a tecelagem, a etapa final de todo o processo. A maioria das tecelãs trabalha em teares manuais que estão disponíveis nas associações, poucas possuem os instrumentos em casa.

A transformação dos fios em tecido é realizada por diversas operações, movimentos e padrões.

Na urdideira, como é chamado o instrumento de madeira, os fios são esticados no tamanho e na forma que a artesã deseja.

Dispostos no casal – espécie de caixa de madeira com vários compartimentos onde ficam os novelos, os fios vão sendo puxados e cruzados em tranças por meio de ágil “jogo” de mãos e dedos. Isto é feito de modo a impedir que se misturem, estabelecendo o lugar definitivo que irão ocupar no tecido.



“A fase de urdir é a alma da tecelagem, pois é nela que se define os trançados”.

**Solange Oliveira Almeida,
tecelã de Riachinho (MG)**



A fase seguinte, no urdume, envolve diversas etapas necessárias antes de se iniciar o processo de tramagem, como a confecção do urdume, quando os fios são dispostos paralelamente no tear, passados pelos liços e dentes do pente. Essas operações são realizadas a partir de uma série de combinações de acordo com a peça a serem elaboradas.

No tear, as tecelãs entrelaçam os conjuntos de fios de trama (transversais) e o urdume (longitudinais). A tecedura é realizada por meio de movimentos ritmados nos pedais – que movimentam os liços e a lançadeira – pequeno instrumento de madeira em formato de barco -, que é lançada de um lado para outro do tear, fazendo a trama entre os fios do urdume.



NOVOS PRODUTOS E A TRADIÇÃO

Nesse diálogo necessário com o mercado, alguns produtos que não eram tradicionalmente produzidos pelas tecelãs em seu cotidiano foram introduzidos, como as mantas para sofás, jogos americanos e cortinas.

Outros passaram por uma releitura, como o cochonilho e o xinil, que antes era usado em cima da cela do cavalo e virou tapete e encosto de cadeira. Ainda que o repertório das artesãs tenha se alterado, o modo tradicional de produção permanece.

Sob uma perspectiva de uma rede, em que os artesãos e os seus objetivos se encontram entrelaçados, ao nos depararmos com uma manta tecida e embalada em uma caixa trançada, é possível que o consumidor e a sociedade realize o percurso inverso, passando de mão em mão, de saber em saber.



É possível imaginar esse algodão, depois de colhido, viajando pelas estradas do sertão mineiro, carregado pelas fiandeiras até suas casas. Depois, sendo fiado nas entre-horas de seus dias, ao sons de seus cantos, recebendo tons naturais, vindos dos quintais de suas casas e das redondezas do cerrado. sendo transformados As tecelãs transformam o algodão em tecidos, com formas e acabamentos diversos. Enquanto isso, no caminhar de uma vereda, um artesão extrai o braço do buriti que, ao serem trabalhados por suas mãos, encontram outra forma de vida. Por meio dos artesãos do Vale do Urucuia, podemos realizar uma viagem histórica.



BURITI: FLORA, MATÉRIA-PRIMA E SUSTENTABILIDADE

As veredas são conhecidas como berços das águas por estarem associadas às nascentes. Elas estão distribuídas por todo o cerrado, sendo a vegetação predominante no Urucuia Grande Sertão e corredores de fauna e flora, importantes para manutenção da biodiversidade.

No uso tradicional das populações locais, o chamado “olho” do buriti (o broto central) era muito utilizado. Porém, ca extração contínua compromete a vida da palmeira.

Por intermédio da associação, os artesãos fazem oficinas que, além de abordarem o manejo correto do buriti, abordam questões como cidadania, identidade local, desenvolvimento e aprimoramento de produtos. Atualmente, dezenas de artesãos de Urucuia, Serra das Araras (chapada gaúcha) e Buritis trabalham artesanalmente com o buriti, mas agora usando o braço (talo da folha) da palmeira. A partir da atuação da Central Veredas, a utilização do “olho” foi drasticamente reduzida.



DOCES, CONTORNOS E POESIAS

É no saber dos trançados que tomam formas diversas, de seus entalhes que criam definidos contornos, dos seus doces regionais, e de seu imaginário popular que os artesãos dessas localidades buscam encontrar uma alternativa de melhoria de qualidade de vida.

“Veredas, minhas veredas que por ti tenho paixão / porquê és o berço esplendido das águas do meu sertão / és tu veredas querida que temos que preservar / porquê foi Guimarães Rosa que nos ensinou a te amar / foi João Guimarães Rosa que um dia nos falou / que em seu leito existia uma palmeira frondosa / que tem os braços compridos e uma fruta gostosa / essa palmeira que falo é nosso buriti / porque hoje em Urucuia / muitas famílias retiram o sustento de ti / obrigado meu senhor por ter criado as veredas que existem por aqui / que nos água a vontade e sustenta o buriti.”

José Rosendo de Lima

BORDADOS E A FORÇA DO COOPERATIVISMO

Atualmente, cerca de 60 bordadeiras vivem nas cidades de Riachinho, Bonfinópolis de Minas, Arinos, Serras das Araras (Chapada Gaúcha) e Pequi (Chapada gaúcha). Grande parte dos bordados produzidos provém da rede Central Veredas.

Elas aprenderam a arte por meio do tradicional grupo, Matizes Dumont, da cidade mineira de Pirapora. O projeto "Bordando o Brasil", coordenado pela família Dumont, buscou especialmente a geração

de trabalho e renda - repassando técnicas de bordados às integrantes do grupo.

Muitas dessas mulheres já eram fiandeiras, tecelãs e tingideiras, e passaram a ter mais um ofício - e fonte de renda.

A história dos bordados da rede Central Veredas é um grande exemplo de que o ensino de uma nova técnica, respeitando-se a aptidão e cultura das populações, pode transformar vidas e realidades.





A ARTE DO DESENHO EM PROL DO BORDADO

Muitos das formas que são vistas nos bordados foram desenhadas por alunos de escolas públicas da região. Quando incentivamos a criarem os desenhos, as crianças e adolescentes buscaram inspiração nas memórias e experiências dos adultos e idosos, nas atividades cotidianas e de trabalho vivenciados na zona rural, na fauna e na flora do Urucuia Grande Sertão, além da culinária e nas festas tradicionais da cultura local.

A partir dos desenhos dos alunos, das próprias inspirações e outras referências, entra em cena a sensibilidade daquelas mulheres, que traduzem o que veem nos seus bordados. Cada uma com sua experiência particular, habilidade e criatividade, elas reelaboram e recriam essas imagens, operando, assim, traços únicos e preciosos, recontando suas histórias e memórias.

A partir da sobreposição das linhas, pontos e traços, os desenhos tomam vida pelas mãos das

bordadeiras, que criam quadros, capas de almofadas, embalagens, camisetas, caixas bordadas, entre outras peças.

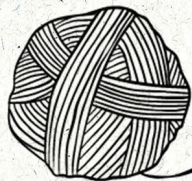
O produto final é fruto do entrelaçamento de uma rede de relações e saberes, articulada localmente, unindo alunos, professores, artesãos e comunidade em geral.



A linguagem e o entremeio dos fios bordados integram histórias, costumes, cultura e território.

CENTRAL VEREDAS: PRÊMIOS E HISTÓRIAS

A Central Veredas acumulou nesta caminhada mais de uma dezena de prêmios, que são resultados das relações frutíferas realizadas ao longo do tempo. As premiações pertencem a todas as pessoas envolvidas, da colheita do algodão aos artesãos, dos técnicos e apoadores, pela contribuição para a perpetuação dos saberes do Cerrado.



Finalista Prêmio
Planeta | A Casa
Categoria Produtos

2006

Prêmio Objeto
Encontrado | A Casa
1º Lugar categoria
Ação Socioambiental

2008

1º Encontro Saber
Fazer/Saber Contar
ARTESOL - Unai/MG

2009

Exposição no "vão" do
Urucua: fios que
entrelaçam saberes.
IPHAN - Sala do Artista
Popular /RJ

2010

Prêmio Fundação Banco do
Brasil de Tecnologia Social:
"Tingimento Natural –
Cores do Cerrado"
Certificada

2011

O evento foi promovido pelo ICCN – Inter City Cultural Network – organização internacional que articula agentes que trabalham na salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no mundo. Participaram do evento, convidadas pela ArteSol, as artesãs Maria Nadir Mendes, fiandeira e tecelã, e a bordadeira Maria Rosecley. O SEBRAE MG foi parceiro nessa ação.

**Prêmio TOP 100 - Sebrae
3ª edição**

2012

**Papo Artesanal
Centro Ruth
Cardoso/SP**

2013

**Exposição "Mulheres
Artesãs Brasileiras"
ONU Nova York**

2014

**Festival Mundial de
Cultura Imaterial
Esfahan/Irã**


**Exposição Historias
Bordadas UERJ Galeria
Candido Portinari/RJ**

2016


**Participação São Paulo
Fashion Week com a
estilista Flavia
Aranha/SP**

2019

**Prêmio Brasil Criativo
1º Lugar categoria
Artesanato**



Texto e Revisão | Copabase | Anny Caroliny Rocha | Ricardo Ribeiro Souza |
Rafael Pinzon | Dionete Figueiredo
COCS - Comunicação com Significado | Renata Thomazi
Diagramação e Ilustração | COCS - Comunicação com Significado





CRITICAL | **ECOSYSTEM**
PARTNERSHIP FUND

